

## Padrões construcionais de marcadores discursivos em contexto de contraexpectativa

Lauriê Ferreira Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Este trabalho objetiva incluir os marcadores discursivos (MDs) no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003; 2008; 2010; e TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). O objetivo mais específico, por sua vez, é investigar como as microconstruções “olha”, “olha só”, “vê” e “veja bem” realizam-se como padrões construcionais vinculados à mesoconstrução por nós denominada contraexpectativa. Para tanto, através de uma abordagem pancrônica, utilizamo-nos da análise qualitativa dos dados e do cálculo da frequência de uso. Os resultados evidenciam que é possível sistematizar os MDs a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008): macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. A macroconstrução é representada pelos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e na segunda pessoa do discurso (P2) na chamada de atenção do ouvinte. Já a mesoconstrução contraexpectativa agrupa microconstruções com MDs que indexam a noção de quebra de expectativa expressa mediante uma construção contrastiva. Por fim, quanto às microconstruções identificadas, evidenciamos que estas apresentam especificidades que as diferem das demais construções. É nesse sentido que defendemos que os MDs podem ser projetados com base em um esquema abstrato, que permite a emergência de novos padrões construcionais, os quais, mesmo possuindo especificidades de uso, seguem uma direção determinada.

**Palavras-chave:** Padrões construcionais. Marcadores discursivos. Contraexpectativa.

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal, ou mais geral, a contribuição com as discussões teóricas que propõem a análise de fenômenos discursivos a partir da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Em outras palavras, pretende-se defender a inclusão do desenvolvimento de marcadores discursivos (MDs) no âmbito da abordagem construcional da

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desenvolve pesquisas na área de gramaticalização de construções. E-mail: [lauriefm@hotmail.com](mailto:lauriefm@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Linguística pela mesma instituição. Atua como professora adjunta da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

gramaticalização, uma vez que se considera a possibilidade de se pensar o processo de mudança linguística desses elementos de uma maneira mais integrada. Já o objetivo específico do trabalho é demonstrar como as microconstruções “olha”, “olha só”, “vê” e “veja bem” realizam-se como padrões construcionais vinculados à mesoconstrução por nós denominada *contraexpectativa*.

Opta-se pela investigação dos MDs, no presente trabalho, por estes serem elementos altamente frequentes e produtivos na língua portuguesa e, fundamentalmente, por não haver um consenso no meio acadêmico no que diz respeito à gramaticalização de MDs.

Utilizamos, para tanto, em uma abordagem sincrônica, amostras representativas que recobrem a modalidade oral do português brasileiro contidas em três *corpora* distintos: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Por sua vez, o *corpus* diacrônico foi constituído a partir dos seguintes bancos de dados: o projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e o “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”.

A fim de cumprir os objetivos expostos acima, este artigo organiza-se da seguinte maneira: (i) na primeira seção, apresentaremos o aporte teórico que fundamenta a análise realizada neste trabalho; (ii) na segunda seção, discutiremos a inclusão de MDs no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções; (iii) na terceira seção, apresentaremos a metodologia de pesquisa por nós utilizada; (iv) na quarta seção, realizaremos nossa análise de dados; (v) por fim, faremos nossas considerações finais.

## 1. Aporte teórico: gramaticalização de construções

A presente proposta de investigação está fundamentada nos pressupostos teóricos da abordagem da gramaticalização de construções, a partir de uma perspectiva funcionalista. No funcionalismo, segundo Cunha (2008, p. 173),

[...] a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que, ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exhibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas. A gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa *necessidade de se refazer* que toda gramática apresenta (CUNHA, 2008, p. 173).

Além de estar intimamente associada à noção de gramática emergente da língua, a abordagem da gramaticalização de construções tem encontrado espaço privilegiado no âmbito dos estudos funcionalistas devido ao fato de que “ambos partem de uma base comum, de um olhar sobre a linguagem que não procura ser meramente composicional” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 102).

De acordo com a abordagem da gramaticalização de construções, o processo de mudança linguística compreende não somente morfemas ou lexemas isolados, os quais possuem significados relativamente indeterminados, mas, sim, construções inteiras. As construções, desse modo, são tomadas como unidades básicas da língua que articulam um tipo de referência semântico-sintática diferente daquela prevista apenas pela soma de elementos individuais presentes em sua composição (TRAUGOTT, 2003). É nesse contexto que Brinton e Traugott (2005, p. 99) definem a gramaticalização que engloba a noção de construção como a “mudança pela qual os falantes, em certos contextos linguísticos, usam parte de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, à construção gramatical resultante pode continuar a serem atribuídas novas funções gramaticais”.

A gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) consiste, desse modo, em mudanças linguísticas que envolvem tanto um processo mais geral ou abstrato, que compreende a atração de formas e/ou funções a partir de um esquema construcional já existente – através do mecanismo da analogia –, quanto um processo mais local, que consiste na reinterpretação de formas e/ou funções em contextos específicos de uso no momento de negociação de sentido entre falante e ouvinte – através do mecanismo da reanálise. Ainda, o mecanismo da frequência é fundamental à gramaticalização de construções, já que a repetição de novos padrões de uso resulta na mudança linguística.

A reanálise, ou reinterpretação de uma forma já existente com uma nova função e/ou de uma função já existente com uma nova forma, no âmbito da gramaticalização, seria responsável pelo alinhamento entre padrões gramaticais e padrões de uso, isto é, entre as estruturas das construções e o seu uso no discurso, e envolveria diretamente a noção de (inter) subjetivização – novos significados desenvolvem, ao longo do tempo, sentidos [+ subjetivos] que codificam as crenças e as atitudes do falante acerca de sua proposição, podendo chegar a articular sentidos [+ (inter)subjetivos] que indexam a preocupação do falante com a imagem de seu interlocutor (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Já a analogia na mudança linguística, de acordo com Traugott (2008), está relacionada aos níveis de esquematicidade propostos para o processo de gramaticalização de construções: macroconstrução (esquema construcional altamente abstrato, genérico e complexo na língua, com diversas possibilidades de preenchimento); mesoconstruções (conjuntos de similaridades passíveis de observação em diversas construções individuais); microconstruções (construções individuais); e construtos (o *locus* da inovação). A mudança linguística que resulta na emergência de novos padrões construcionais inicia-se na negociação de sentido entre os participantes da interação comunicativa, mediante a relação entre o construto e a rede construcional. Se tal construto torna-se frequente entre os membros de uma comunidade linguística, a construção é gramaticalizada na língua, passando ao *status* de microconstrução. O terceiro nível da construção, denominado mesoconstrução, agrupa microconstruções que apresentam semelhanças entre si – no entanto, tais microconstruções possuem particularidades em relação à forma e ao significado. Por fim, a macroconstrução constitui um esquema abstrato de construções a que subjazem todas as inovações. Dessa maneira, o mecanismo da analogia, mais recentemente denominado “analogização” (TRAUGOTT, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), promoveria o alinhamento do novo par forma-sentido ou microconstrução, a partir de representações exemplares, em uma nova construção dentro de um esquema maior. O esquema, por conseguinte, tornar-se-ia cada vez mais abstrato a fim de abarcar, com o passar do tempo, um maior número de construções.

No que tange à frequência de uso, esta está diretamente relacionada à abordagem da gramaticalização de construções, uma vez que, sendo realizada em uma perspectiva pancrônica, nos permite mapear os quatro níveis de mudança. Ainda, segundo Bybee (2011), o levantamento da frequência está de acordo com a abordagem construcional, pois a repetição será de uma sequência de palavras e morfemas, a qual sofre aumento de frequência até ser interpretada como uma construção linguística.

## 2. MDs no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções

Visto que o desenvolvimento dos MDs envolve aumento de escopo estrutural e aumento de liberdade sintática, características estas que violam dois dos parâmetros formais – o da

*variabilidade sintagmática* e o do *escopo*<sup>3</sup> – propostos por Lehmann (1995[1982]) para a aferição do grau de autonomia e, conseqüentemente, do grau de gramaticalidade de um item, estudiosos têm discordado quanto ao processo de mudança linguística que recobriria esses elementos: se pragmaticalização (ONODERA, 2011), se prototipicidade (ONODERA, 2011)<sup>4</sup>, se degramaticalização (NORDE, 2011)<sup>5</sup> ou se gramaticalização. É nesse contexto que, no trabalho realizado, buscamos investigar, a partir dos postulados de Traugott (2011), se, além de expansão de escopo estrutural e de aumento de liberdade sintática, o desenvolvimento dos MDs envolveria características fundamentais à abordagem da gramaticalização de construções, tais como aumento em esquematicidade (acréscimo de abstratização formal e semântica), aumento em produtividade (expansão de padrões existentes para novas construções) e decréscimo em composicionalidade (decréscimo do grau em que a forma e o significado das construções são acessíveis).

Segundo Traugott (2011), a gramaticalização de construções individuais, as quais se desenvolveriam a partir de esquemas abstratos pré-existentes, também possibilitaria o estabelecimento de extensas redes construcionais na língua, isto é, mudanças em microconstruções específicas afetariam e seriam afetadas por esquemas gerais. No que tange aos MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, identificamos, com base principalmente no estudo de Rost-Snichelotto (2009), que o par forma-sentido que configura a macroconstrução ou esquema altamente abstrato é o *verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2* (forma) na *chamada de atenção do ouvinte* (sentido). A autora defende que os MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, apesar de terem sua força dêitica reduzida com o enfraquecimento do comando imperativo do falante sobre o ouvinte, mantêm resquícios do ato de fala manipulativo. São, portanto, estas características – aliadas ao levantamento da frequência de uso dos padrões construcionais dos MDs<sup>6</sup> – que nos levam, assim como as autoras, a identificar a *chamada de atenção do ouvinte* como o domínio funcional mais geral em que os MDs estão ocorrendo.

<sup>3</sup> O parâmetro da *variabilidade sintagmática* prevê que um item que se fixa em um determinado sintagma é porque ele encontra-se altamente gramaticalizado; já o parâmetro do *escopo* prevê que um elemento que tem seu escopo diminuído é devido a um aumento do seu grau de gramaticalidade (LEHMANN, 1995 [1982]).

<sup>4</sup> Ver Onodera (2011).

<sup>5</sup> Ver Norde (2011).

<sup>6</sup> Os resultados obtidos a partir do levantamento da frequência de uso das construções com MDs podem ser encontrados em Martins (2013). Todavia, cabe ressaltar aqui que, tanto no *corpus* diacrônico quanto no *corpus* sincrônico, são mais frequentes os MDs em forma simples, em P2 e no modo indicativo (IND) do verbo. Tais resultados evidenciam a regularização da macroconstrução em configuração imperativa e na segunda pessoa do

Quanto às mesoconstruções, ou grupos de microconstruções que apresentam similaridades entre si, seriam estas as responsáveis pela atração semântico-pragmática – através do mecanismo da analogia –, haja vista que o nível macro representaria um esquema construcional altamente abstrato. Dessa maneira, a partir da análise realizada com os MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2, identificamos conjuntos de microconstruções distribuídas em cinco mesoconstruções, as quais denominamos *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*. Tais mesoconstruções – cada uma com seu padrão construcional específico – articulam um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente a partir da soma dos constituintes e sugerem um alinhamento em padrões de uso que cumprem funções específicas. No presente trabalho, realizamos um recorte do trabalho desenvolvido em Martins (2013), de modo a tratar, neste momento, apenas da mesoconstrução *contraexpectativa*, já que esta é representada por microconstruções distintas tanto em forma quanto em função<sup>7</sup>.

### 3. Metodologia

Para a realização da pesquisa proposta acerca da gramaticalização dos MDs derivados dos verbos de percepção “olhar” e “ver” em configuração imperativa, foi adotada uma perspectiva pancrônica de análise. A pancronia constitui a perspectiva ideal para a realização do trabalho proposto, pois a gramaticalização, sob a perspectiva da diacronia, trata da “explicação de como formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua”, enquanto que, sob a ótica da sincronia, trata da identificação dos “graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 16).

O *corpus* sincrônico utilizado foi constituído por uma amostra oral, cujas entrevistas e gravações de fala espontânea foram retiradas de três diferentes *corpora* datados do século XX ao século XXI: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”<sup>8</sup>, o *corpus* do

---

discurso, podendo os MDs realizarem-se tanto em forma simples quanto em forma composta e tanto no modo indicativo dos verbos quanto no modo subjuntivo (SUBJ) dos verbos – embora tenhamos observado uma maior frequência na forma simples e no modo indicativo.

<sup>7</sup> Para maiores detalhes acerca das mesoconstruções *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado* e *interjeição*, ver Martins (2013).

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”<sup>9</sup> e o *corpus* do projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”<sup>10</sup>. Já o *corpus* diacrônico foi constituído por textos ficcionais e documentos notariais que recobrem o período compreendido entre o século XII e o século XIX. Sendo assim, foram utilizados os seguintes bancos de dados: o projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval”<sup>11</sup> e o “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”<sup>12</sup>.

A amostra foi constituída por uma diversidade de gêneros textuais e teve o mesmo recorte de número de palavras (aproximadamente, 300 mil palavras por *corpus*). A partir do levantamento dos dados em uma perspectiva pancrônica, a análise das ocorrências foi realizada mediante o equacionamento entre o método qualitativo e o cálculo da frequência de uso, uma vez que o nosso objetivo é a descrição de diferentes padrões construcionais dos MDs vinculados à mesoconstrução contraexpectativa.

#### 4. Análise de dados

Na mesoconstrução *contraexpectativa*, foram agrupadas microconstruções com MDs que têm como par forma-sentido a noção de quebra de expectativa expressa, do ponto de vista linguístico, pela presença de uma construção contrastiva. Segundo Heine *et al.* (1991, p. 192), as *contraexpectativas* do falante consistem no rompimento / na quebra de suas expectativas, uma vez que se referem à expressão do “contraste entre aquilo que corresponde e aquilo que desvia das normas e padrões característicos do mundo com o qual o falante está familiarizado, tem em mente ou acredita que o interlocutor tem em mente, em contexto específico”. Para o autor, desse modo, as *contraexpectativas* referem-se às situações que se desviam das normas compartilhadas, apresentando marcas linguísticas que promovem a comparação entre aquilo que era esperado e aquilo que foi proferido pelo falante – tais marcas linguísticas são denominadas pelos autores “marcadores de *contraexpectativa*”.

A noção de *contraexpectativa* de Heine *et al.* (1991) está baseada na perspectiva do falante ou no conhecimento de mundo que o falante acredita ser compartilhado tanto por ele quanto por seu interlocutor. Todavia, para Martelotta (1998), nem sempre é clara a relação

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 24 de mai. de 2012.

<sup>12</sup> Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>. Acesso em 24 de mai. de 2012.



contrastiva entre a expectativa do falante e aquilo que realmente acontece e é dito. É nesse contexto que o autor defende que nem sempre as expectativas são iguais para falante e ouvinte no momento da interação e nem sempre há uma norma estabelecida de maneira que se possam deprender as crenças do falante (ou as crenças que ele atribui a outro). A esse respeito, Martelotta (1998, p. 41) afirma o seguinte:

Na maioria dos casos, a expectativa deriva do próprio texto, onde são apresentados fatos em relação aos quais a cláusula em que ocorre a marca de contraexpectativa constitui um contraste: o que se fala pode suscitar no ouvinte uma interpretação que se quer evitar (MARTELOTTA, 1998, p. 41).

Nesse sentido, Martelotta (1998) e Oliveira (2012) destacam que, na expressão da contraexpectativa, o falante pode, baseando-se em expectativas que ele mesmo assume e que acredita já terem sido criadas pelo ouvinte, antecipar uma possível interpretação proveniente do que foi dito antes e “marcar” para o seu interlocutor que esta expectativa deve ser desconstruída e/ou não tomada como verdade absoluta. Nesse caso, o contraste é naturalmente estabelecido no texto, não exatamente em relação à cláusula anterior, mas em relação à imagem equivocada que o interlocutor supostamente poderia conceber.

De acordo com Oliveira (2012), a contraexpectativa pode ser indexada linguisticamente através de um elemento que negue a expectativa do falante, de maneira a atribuir um valor adversativo ao enunciado por meio de uma construção comparativa ou, ainda, mediante ambas as estratégias – negação e comparação. Especificamente, em nossa amostra, as microconstruções com MDs que compõem a mesoconstrução *contraexpectativa* se configuram a partir de uma construção contrastiva que pode ser uma expressão de negação ou uma cláusula adversativa. Tal construção contrastiva, conforme apontado por Martelotta (1998, p. 42), envolve uma “asserção de base”, que consiste em uma afirmação, e uma “negação” ou uma “restrição”, que diz respeito ao argumento que tende a prevalecer no enunciado. Observemos o exemplo a seguir:

(1) Appresso-me em responder ao seu favor de nove do corrente que só há quatro dias recebi para lhe agradecer a segurança que me dá de que o Ministério actual faz justiça a meu zelo e vontade, e tem a indulgência de crer no meu fraco préstimo. Eu tenho, entre outros, um grande defeito para Diplomata, que é ser muito sincero. Com esta sinceridade, direi a Vossa Excelência que os fataes Ministérios da corrupção e perfídia que até agora têm posto a nossa terra um cahos (que isto é em verdade o que elles a puzeram) confundindo toda idea de justo e injusto, me tinham de tal modo desgostado da vida de empregado, que me não tivera lançado nesta carreira e arranjado a minha vida de modo que me custaria a voltar para casa, confesso a Vossa Excelência que antes quereria voltar para o meu canto do que sujeitar-me a novos dissabores e desfeitas toda a vez que as intrigas e meios tortuosos de um Dom de Tal exigissem o sacrificio de um homem de bem. **Olhe** que isto, que digo não se refere à minha



demissão, mas é à maneira italiana com que o seu nobre antecessor vilmente me trahiu. Mas lançado nesta carreira e já fora do país, desejaria continuar, e na situação em que collocou aquela insigne peffidia, direi até que preciso. Mas não haverá meio nenhum senão empurrar-me para o Brasil? (*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe – Carta de Almeida Garret).

O exemplo (1) acima foi encontrado em uma carta de Almeida Garret, escrita no século XVIII ao senhor Marquez. Como visto, neste documento, Garret faz declarações acerca de sua insatisfação com relação à corrupção no mundo. Além disso, o autor profere que preferiria voltar para “o seu canto” a sujeitar-se “a novos dissabores e desfeitas toda a vez que as intrigas e meios tortuosos de um Dom de Tal exigissem o sacrifício de um homem de bem”. Neste instante, Garret, através da construção contrastiva que se inicia com o MD “olhe”, desconstrói a possível interpretação de seu interlocutor de que ele poderia estar pedindo demissão (“**Olhe** que isto, que digo não se refere à minha demissão, mas é à maneira italiana com que o seu nobre antecessor vilmente me trahiu”). A construção contrastiva, neste caso, apresenta-se por meio (a) de uma asserção de base (“isto que digo não se refere à minha demissão”) e (b) de uma restrição (“mas é à maneira italiana com que o seu nobre antecessor vilmente me trahiu”).

Na investigação dos MDs derivados de “olhar” e “ver”, encontramos apenas 2 ocorrências dos MDs investigados vinculados à mesoconstrução contraexpectativa em uma perspectiva diacrônica. A frequência de uso dos elementos em geral, na diacronia, não foi tão significativa, já que obtivemos um número muito reduzido de ocorrências (total de 34 ocorrências). Contudo, chamamos a atenção para o fato de que estamos trabalhando com um recorte parcial da língua. Por isso, optamos por proceder à análise qualitativa das microconstruções vinculadas à mesoconstrução contraexpectativa somente sob a perspectiva sincrônica, visto que nosso objetivo específico é descrever seus padrões construcionais.

A seguir, apresentamos as microconstruções com MDs em forma simples e em forma composta encontradas no *corpus* sincrônico investigado, as quais se agrupam na mesoconstrução *contraexpectativa*:

<b>Mesoconstrução <i>contraexpectativa</i></b>			
<b>Microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver”</b>		<b>Total de ocorrências</b>	
		<b>n.º</b>	<b>%</b>
Formas simples	olha	86	93,5%
	vê	3	3,3%
Formas compostas	olha só	2	2,2%
	veja bem	1	1%
<b>Total</b>		<b>92</b>	

**Tabela 1.** Distribuição das microconstruções com MDs derivados de “olhar” e “ver” na mesoconstrução *contraexpectativa*

Verificamos, na tabela acima, que a microconstrução com MD *olha* em forma simples e no modo IND do verbo é a mais significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, com 86 ocorrências (93,5%) em um total de 92 ocorrências. Quanto às microconstruções com MDs menos frequentes em nosso *corpus* sincrônico, temos: *vê* com 3 ocorrências (3,3%), *olha só* com 2 ocorrências (2,2%), e *veja bem* com apenas 1 ocorrência (1%).

#### 4.1. A microconstrução com o MD *olha*

A microconstrução com o MD *olha* em configuração imperativa, em P2, em forma simples e no modo IND do verbo apresentou uma frequência de uso bastante significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, uma vez que encontramos 86 ocorrências (93,5%) em um total de 92 ocorrências. Essa microconstrução realiza-se tanto em contexto de expressão de *contraexpectativa* do falante em relação ao discurso do interlocutor (31 ocorrências – 36%), ou seja, em um contexto em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor (ou aquilo que o interlocutor tem em mente), quanto em contexto de expressão de *contraexpectativa* em relação ao discurso do próprio falante (55 ocorrências – 64%), isto é, em um contexto em que o próprio falante desconstrói uma possível interpretação equivocada por parte do ouvinte. Do ponto de vista linguístico, em ambos os contextos de expressão de *contraexpectativa*, temos a marcação linguística a partir de uma construção contrastiva que pode ser realizada seja por intermédio de um elemento que negue a expectativa do falante seja por meio de uma cláusula adversativa. A diferença entre os dois contextos, entretanto, é a de que se, no primeiro, o contraste é estabelecido necessariamente em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor, no segundo, o contraste não se dá exatamente em relação à cláusula anterior, mas, sim, em função de informações que poderiam suscitar no ouvinte uma interpretação indesejada pelo falante. Atentemos aos exemplos que se seguem:

(2) E: E você falô assim que o o programa da Cidinha decaiu muito, porque ela continua com o programa, né?

F: É porque ela, depois que ela foi pra política, ela caiu muito, eu não achei que... Agora perdeu a graça porque metia o malho naquele pessoal todo, depois se juntou a eles.

E: Ah entendi, então antes ela fazia [ela fazia um outro tipo de programa.]

F: [O maior sucesso, um outro tipo, depois que se juntou, aí eu achei que caiu (?) um muito.]

E: E agora o programa dela hoje em dia fala de quê?

F: **Olha**, sinceramente não tenho nem escutado.

E: É?

F: Meu tempo anda tão corrido agora que eu depois de aposentado, é calçada (riso f), vai no mercado, volta, aí não dá muito tempo pra escutá rádio não? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R09)

(3) E: Hum:hum. E o boné?

F: Boné eu só uso em casa porque eu... odeio boné mas quando eu acordo a melhor solução é boné. A melhor solução é boné, porque a preguiça de pentear o cabelo é maior.

E: Hum:hum. Mas você se considera preguiçOSO não?

F: **Olha**... eu sou... preguiçoso, porém sou um preguiçoso... eh... que tem preguiçoso que não faz nada (“bota estudo”) pra lá, eu sou um preguiçoso (inint), que tenho preguiça de acordar... tenho preguiça de... levantaR da cama... preguiça: preguiça de tá com sono e ter que pentear o cabelo... Esses tipos de preguiça (“eu tenho”). (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T09)

No exemplo (2), os participantes da interação conversam a respeito de programas de rádio, quando o entrevistado avalia que o programa da apresentadora “Cidinha”, na rádio Tupy, decaiu muito depois que ela ingressou no campo da política. Nesse momento, o entrevistador, que pressupõe que o entrevistado tenha conhecimento acerca do programa apresentado por “Cidinha”, lhe pergunta sobre quais assuntos ela fala hoje em dia. Cria-se, portanto, a partir de informações contidas no texto, a expectativa de que o entrevistado saberá informar a respeito da resposta que lhe foi solicitada, uma vez que ele avalia negativamente o programa como alguém que o assiste (“ela caiu muito”). No entanto, o entrevistado rompe com a expectativa do entrevistador ao dizer “*Olha*, sinceramente não tenho nem escutado” – o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor.

A quebra da expectativa introduzida pelo MD *olha* e realizada mediante uma construção contrastiva via expressão de negação (“não tenho nem escutado”), além de não confirmar a crença do interlocutor de que o falante saberia responder à pergunta que lhe foi direcionada, promove o descomprometimento do entrevistado com uma afirmação que ele não tem condições de fornecer – fato que é corroborado, inclusive, pela presença do advérbio modalizador “sinceramente”. O descomprometimento e o sentimento do falante perante uma afirmação que ele julga não ter condições de proferir, verificado neste exemplo a partir, principalmente, do uso do MD *olha* e do advérbio modalizador “sinceramente”, constituem estratégias de proteção de face positiva (BROWN & LEVINSON, 1987) que diz respeito ao desejo do participante da interação de ter sua imagem aprovada e apreciada pelo entrevistador. É nesse sentido, portanto, que defendemos que o uso da microconstrução com o MD *olha* é [+ (inter)subjetivo], haja vista que, além de fazer alusão a um contexto de

contraexpectativa, ainda codifica crenças e atitudes do falante mediante uma proposição, bem como indexa a sua preocupação com o *self* do interlocutor.

Já no exemplo (3), temos a ocorrência da microconstrução com o MD *olha* em um contexto de expressão de contraexpectativa em relação ao discurso do próprio falante, ou seja, em um contexto em que o próprio falante desconstrói uma possível interpretação equivocada do ouvinte. Nessa situação, o entrevistado, a partir de informações fornecidas pelo contexto – por exemplo, o fato de que o entrevistado usa boné de manhã para não ter que pentear o cabelo –, cria no entrevistador a expectativa (ou a crença) de que ele seja uma pessoa preguiçosa, como é possível observar na seguinte afirmação em forma de pergunta: “Mas você se considera preguiçoso não?”. Por conseguinte, o entrevistado, por meio do uso do MD *olha*, introduz uma construção contrastiva formada a partir de uma cláusula adversativa que tem (i) como “asserção de base” a afirmação “*Olha... eu sou... preguiçoso*” e (ii) como “restrição” o seguinte argumento iniciado pela conjunção “porém” que tende a prevalecer no enunciado: “porém sou um preguiçoso... eh... que tem preguiçoso que não faz nada (“bota estudo”) pra lá, eu sou um preguiçoso (inint), que tenho preguiça de acordar... tenho preguiça de... levantar da cama... preguiça: preguiça de tá com sono e ter que pentear o cabelo...”.

Nesse exemplo (3), o contraste é realizado não exatamente em relação à cláusula anteriormente proferida, mas, sim, em função de uma possível interpretação negativa do ouvinte de que o entrevistado é uma pessoa preguiçosa. O MD *olha* e a construção contrastiva que compõem essa microconstrução, além de amenizarem e controlarem possíveis interpretações negativas do ouvinte, também indexam o desejo de proteção de face positiva do entrevistado, uma vez que seu desejo na interação é de que sua imagem seja aprovada e apreciada pelo entrevistador. Portanto, a microconstrução com o MD *olha* é [+ (inter) subjetiva], já que tanto codifica o julgamento do falante diante do conteúdo proposicional quanto expressa a preocupação do falante com o *self* do interlocutor.

#### 4.2. A microconstrução com o MD *olha só*

A microconstrução com o MD *olha só* em configuração imperativa, em P2, em forma composta e no modo IND teve uma baixa frequência de uso na mesoconstrução *contraexpectativa*, haja vista que encontramos apenas 2 ocorrências (2,2%) em um total de 92 ocorrências. O MD *olha só* realiza-se, particularmente, em contexto de expressão de

contraexpectativa em que o falante não confirma a crença do seu interlocutor. Nessa microconstrução, o advérbio focalizador “só” é recrutado na forma composta *olha só* a fim de direcionar a atenção do ouvinte para uma interpretação (ou julgamento) mais exata e relevante da situação. Dessa maneira, o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor através de uma construção contrastiva realizada por uma expressão de negação. Vejamos os exemplos abaixo:

(4) E: Você falô que você queria tê um filho (inint) Que de vez em quando você pensa em ter um filho. E quando você tivé filho, como é que você vai educá ele? [Você vai educá ele] da mesma manera que a sua mãe te educô?

F: [Não!] **Olha só**, não que eu queria tê... no momento eu não penso em ter filhos. Eu tô dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá (est) mas... tipo assim, entendeu? Mas... (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R03).

Em (4), o entrevistador, a partir de informações contextuais que o levam a subentender que a entrevistada gostaria de ter filhos, lhe pergunta como ela os educaria. O entrevistador, desse modo, espera que a entrevistada confirme sua expectativa de que ela quer ter filhos e responda de que maneira os educaria. No entanto, isso não acontece. A entrevistada rompe com as expectativas criadas pelo interlocutor, tanto em relação ao fato de ela querer ter filhos quanto em relação à resposta à pergunta apresentada, através da construção contrastiva realizada por meio de uma expressão de negação enfática, como observamos em “[Não!] *Olha só*, não que eu queria tê... no momento eu não penso em ter filhos”. É nesse contexto que o falante utiliza o MD *olha só* para (i) aludir ao contexto de contraexpectativa em que o falante não confirma as expectativas do interlocutor – a entrevistada, no momento, não pensa em ter filhos, conforme afirmou o entrevistador –, bem como para (ii) enfatizar que a interpretação do interlocutor não está correta – a informação de que a entrevistada gostaria de ter filhos teria sido mal entendida no contexto de interação comunicativa.

Nessa ocorrência da microconstrução com o MD *olha só*, também verificamos a ênfase na estratégia de proteção de face positiva por parte do falante que produz a contraexpectativa mediante o uso da locução adverbial dêitica de tempo “no momento”. O desejo da entrevistada, que pretende ter sua imagem aprovada e apreciada pelo entrevistador, é o de que o interlocutor entenda que ter filhos é algo em que ela não pensa no tempo presente. É nesse contexto, portanto, que defendemos que a microconstrução com o MD *olha só* é [+ (inter) subjetivo].

#### 4.3. A microconstrução com o MD *vê*

A microconstrução com o MD *vê* em forma simples e no modo IND do verbo não se mostrou significativa na mesoconstrução *contraexpectativa*, haja vista que obtivemos apenas 3 ocorrências (3,3%) em um total de 92 ocorrências. O MD *vê* introduz regularmente um contexto de expressão de *contraexpectativa* em que o próprio falante rompe com uma possível interpretação equivocada do ouvinte. Tal contraste não se dá exatamente em relação à cláusula anterior, mas, sim, em função de informações que poderiam suscitar no ouvinte uma interpretação indesejada pelo falante. Nessa microconstrução, ainda evidenciamos que a forma de tratamento “você” que ocorre junto ao MD é motivada pelo traço semântico-pragmático de compartilhamento de informações e de avaliações entre os interlocutores. Observemos os exemplos que se seguem:

(5) INF. - Em oitenta começou, e antes disso houve período de votação, quer dizer, o, claro antes da revolução de trinta o povo não tinha muita condição, porque as eleições eram muito fraudadas... mas de lá pra cá, tem, agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo, e, no entanto têm pessoas que você vê, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme... (*Corpus* do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 347).

No exemplo (5), os participantes da interação comunicativa conversam a respeito da política no Brasil, principalmente sobre o fato de as pessoas não saberem eleger seus representantes. A entrevistada, dessa maneira, argumenta que antes da revolução de 1930 as pessoas não tinham condições de escolher seus representantes políticos, porque as eleições eram fraudulentas, diferentemente dos dias atuais em que há muita informação ao alcance de todos. Nesse momento, a entrevistada, através do MD *vê*, introduz um contexto de expressão de *contraexpectativa* que se realiza por meio de uma “asserção de base” e uma “restrição”, contrapondo duas situações diferentes, a saber: (i) “agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo”; (ii) “no entanto têm pessoas que você *vê*, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme...”.

Como visto, o fato de o falante julgar que sua afirmação – de que atualmente a informação está ao alcance das pessoas – poderia criar no ouvinte a expectativa ou a interpretação equivocada de que as pessoas teriam melhores condições de decidir acerca de seus representantes faz com que ele produza uma *contraexpectativa*. Nessa microconstrução, a forma de tratamento “você” e o modo IND do verbo são recrutados para compor todo o

contexto a fim de articular o compartilhamento de informações e de avaliação entre os interlocutores. Ou seja, o falante, através dessa microconstrução, deixa subentendido que o interlocutor compartilha a informação veiculada na construção contrastiva, bem como a avaliação inferencial negativa de que as pessoas continuam não sabendo eleger seus representantes. Tal microconstrução é, desse modo, [+ (inter) subjetiva], haja vista que o falante pressupõe o compartilhamento de seu interlocutor acerca da avaliação contida na contraexpectativa.

#### 4.4. A microconstrução com o MD *veja bem*

A microconstrução com o MD *veja bem* teve somente 1 ocorrência (1%) na mesoconstrução *contraexpectativa*. O MD em questão realiza-se particularmente em contexto de expressão de contraexpectativa do falante em relação ao discurso do interlocutor. Além da função catafórica explícita de apontamento para o texto a ser mencionado, a microconstrução indexa também a solicitação pela avaliação do interlocutor, uma vez que o falante busca fazer com que o interlocutor concorde com seus argumentos, que ele se alinhe à sua avaliação. Tal traço semântico-pragmático resulta na seleção do advérbio qualificador “bem” junto ao MD. Vejamos a ocorrência encontrada nos *corpora* analisados:

(6) DOC. - É, influi de uma certa maneira...

INF. - Ah, com certeza, né? Os, os planos são muito, por causa das águas muito cheias de vida... Eles gostam das coisas da vida ... Eu já me hospedei em casa de amigos pernambucanos, o café das manhã lá é ... uma coisa pra quem pode... não estou dizendo gente rica não, estou dizendo classe média, é um negócio ... você não pensa que é como o nosso aqui, quer dizer, café, um chá, um pão, um leite, meus Deus, tem cuscuz, tem isso, tem aquilo, quer dizer, é um negócio ... "brunch" é capaz de ser o termo, eu não posso garantir que seja mas ...

DOC. - O fator, um dos fatores ...

DOC. - Aqui, no Rio, também ... do jeito do carioca poderia ser ... marcado ...

INF. - Não, o que é, **veja bem** o [ ] é marcado, o que é marcado é ... o que a gente não pode saber, o que eu, pelo menos não tenho competência pra isso, e até que ponto, mas que é marcado, isso, isso é lógico, você vê em tudo, até na arte ... você vê, por exemplo, uma [ ] você sente que é de um país frio, não é que a música seja fria, é uma, entendeu? (Corpus do projeto “NURC/RJ”, entrevista recontato 90, inquérito 347).

A microconstrução com o MD *veja bem* ocorre em um contexto de interação comunicativa em que a entrevistada defende o seu ponto de vista de que o clima e o relevo da cidade influenciam a vida das pessoas. A partir de informações contextuais – como é o caso da exemplificação, por parte da entrevistada, de várias partes do mundo em que a natureza influenciaria a vida das pessoas –, o entrevistador cria a expectativa de que a entrevistada



concordará com o fato de que, no Rio de Janeiro, o jeito de ser dos cariocas também é influenciado por questões geográficas que lhe são particulares, como verificamos na afirmação “Aqui, no Rio, também ... do jeito do carioca poderia ser ... marcado ...”.

Todavia, a entrevistada rompe com as expectativas do interlocutor de que ela concordaria com sua asserção e de que ela, inclusive, estabeleceria comparações, como vinha realizando acerca de outras regiões do país – por exemplo, a entrevistada compara a personalidade fria dos paulistanos com o clima da cidade –, dizendo que, no Rio, não se pode perceber tal influência, embora, mais adiante, ela diga que isso pode ocorrer, como verificamos em “Não, o que é, *veja bem* o [ ] é marcado, o que é marcado é ... o que a gente não pode saber, o que eu, pelo menos não tenho competência pra isso, e até que ponto, mas que é marcado, isso, isso é lógico, (...)”. Percebemos, dessa maneira, que o contraste é estabelecido em relação à cláusula anterior proferida pelo interlocutor. O advérbio qualificador “bem” é recrutado para compor a microconstrução com o MD *veja bem* a fim de articular a avaliação do falante acerca da noção de contraexpectativa produzida, bem como de solicitar o compartilhamento do interlocutor acerca de sua avaliação. Além disso, a microconstrução manifesta sua função de apontamento, de maneira catafórica explícita, para uma informação nova a ser proferida pelo falante.

## Conclusão

Com o presente trabalho, cujo objetivo mais geral é incluir os MDs no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções, demonstramos que: (i) a macroconstrução é representada pelos MDs derivados de “olhar” e “ver” em configuração imperativa e em P2 na *chamada de atenção do ouvinte*; (ii) as mesoconstruções que constituem um esquema que seria seguido pelos falantes na instanciação de novos construtos são, neste trabalho, denominadas *prefaciação*, *opinião/sustentação*, *discurso reportado*, *interjeição* e *contraexpectativa*, e (iii) as microconstruções com os MDs são agrupadas a partir de similaridades em suas respectivas mesoconstruções.

No que diz respeito ao objetivo mais específico do trabalho – descrição dos padrões construcionais das microconstruções “olha”, “olha só”, “vê” e “veja bem” vinculadas à mesoconstrução contraexpectativa –, verificamos que (iv) a microconstrução com o MD *olha* tem como padrão formal a presença de uma construção contrastiva, que pode ser uma

expressão de negação ou uma cláusula adversativa, e a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo indicativo (IND) do verbo; quanto aos aspectos semântico-pragmáticos específicos dessa microconstrução, destacamos a alusão a um contexto de contraexpectativa que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor; (v) a microconstrução com o MD *olha só* apresenta como características formais uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação, a realização do MD em forma composta e no modo IND do verbo e ainda o uso do advérbio focalizador “só” junto ao verbo para compor o MD; no que diz respeito aos aspectos semântico-pragmáticos, verificamos a alusão a um contexto de contraexpectativa que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor, adicionada à função específica de focalizador de uma interpretação (ou informação) mais exata e mais relevante da situação; (vi) a microconstrução com o MD *vê* tem como características formais uma construção contrastiva, que pode ser uma cláusula adversativa, a realização do marcador discursivo em forma simples e no modo IND do verbo e ainda a presença da forma de tratamento “você” junto ao MD; quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, verificamos a alusão a um contexto de contraexpectativa que indexa o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor, adicionada à função específica de compartilhamento de informação e avaliação entre os participantes; (vii) a microconstrução com o MD *veja bem* tem como características formais uma construção contrastiva, que pode ser uma expressão de negação, a realização do marcador discursivo em forma composta e no modo subjuntivo (SUBJ) do verbo e também a presença do advérbio qualificador “bem” junto ao verbo; quanto aos aspectos semântico-pragmáticos, destacamos a função específica de fazer alusão a um contexto de contraexpectativa que articula o julgamento e a preocupação do falante acerca das expectativas criadas pelo interlocutor, adicionada aos traços de apontamento explícito para a contraexpectativa realizada pelo falante e de solicitação de compartilhamento de avaliação entre os participantes da interação.

É nesse contexto, portanto, que defendemos, no presente trabalho, a inclusão dos MDs no âmbito da abordagem da gramaticalização de construções, haja vista que tais elementos – que articulam aumento em esquematicidade e em produtividade e decréscimo em composicionalidade, características elementares a esse processo de mudança linguística – podem ser projetados com base em um esquema mais abstrato que permite a emergência de

novos padrões construcionais, os quais, mesmo possuindo especificidades de uso, seguem uma direção determinada.

### Referências bibliográficas:

- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language use*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEBGALVÃO, V.C. (Orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].
- MARTELOTTA, M. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Revista Veredas*, v. 2, n. 2, 1998, p. 37-56.
- \_\_\_\_\_; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.87-106.
- MARTINS, L. F. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. 2013. 245 f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- NORDE, M. Degrammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 475-487.
- OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”: uma abordagem funcionalista*. 2012. 205 f. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

ONODERA, N. O. The grammaticalization of discourse markers. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 614-624.

ROST-SNICHELOTTO, C. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. 2009. 408 f. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (Eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

\_\_\_\_\_. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011.

\_\_\_\_\_; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013 (forthcoming).

### Constructional patterns of discourse markers in counter-expectation context

**Abstract:** This work intends as main objective to include the discourse markers (DMs) within the grammaticalization of constructions approach (TRAUGOTT, 2003; 2008; 2011; and TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). The specific objective is to investigate how the micro-constructions “olha”, “olha só”, “vê” e “veja bem” constitute constructional patterns linked to meso-construction through what we name as counter-expectation. For this purpose, through a panchronic approach, we used a qualitative data analysis and on an analysis of frequency of use of the constructions. The results show that it is possible to systematize the DMs based on the levels of schematicity proposed by Traugott (2008): macro-construction, meso-construction, micro-construction and construct. The macro-construction is represented by DMs derived from “olhar” and “ver” in imperative configuration and in second person of discourse (P2), calling the listener's attention. The counter-expectation meso-construction presents micro-constructions with DMs whose pair form-meaning expresses the notion of contrast. Finally, as the identified micro-constructions, we showed that these have special features which differ them from the other constructions. It is in this sense that we argue that DMs are based on a more abstract schema that allows the emergence of new constructional patterns, which, despite having particular use, follow a certain direction.

**Key words:** Constructional patterns. Discourse markers. Counter-expectation.

**Recebido em:** 20 de outubro de 2014.

**Aprovado em:** 03 de fevereiro de 2015.